PEQUENAS DESCOBERTAS DE LILI

Ariane Cavalcante Lima

edufpi

PEQUENAS DESCOBERTAS DE LILI

Ariane Cavalcante Lima

PEQUENAS DESCOBERTAS DE LILI

edufpi

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitora
Nadir do Nascimento Nogueira

Vice-Reitor
Edmilson Miranda de Moura

Superintendente de Comunicação Social
Jacqueline Lima Dourado

Diretora da EDUFPI
Jasmine Soares Ribeiro Malta

EDUFPI - Conselho Editorial
Jacqueline Lima Dourado (presidente)
Jasmine Soares Ribeiro Malta (vice-presidente)
Carlos Herold Junior
Carolina de Aquino Gomes
César Ricardo Siqueira Bolaño
Fernanda Antônia da Fonseca Sobral
João Batista Lopes
Kássio Fernando da Silva Gomes
Maria do Socorro Rios Magalhães
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Projeto Gráfico. Capa. Diagramação.
Wellington Amorim Monteiro

Revisão
Ariane Cavalcante Lima

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

L732p Lima, Ariane Cavalcante.
Pequenas descobertas de Lili / Ariane Cavalcante Lima.
– Teresina : EDUFPI, 2026.
49 p.

ISBN 978-65-5904-497-9 (Impresso)
ISBN 978-65-5904-496-2 (E-book)

1. Literatura infantil. 2. Aprendizagem socioemocional.
3. Descobertas infantis. 4. Emoções. 5. Empatia.
6. Infância. I. Título.

CDD 028.501 6

Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil

DEDICATÓRIA

Para todas as crianças que estão aprendendo a crescer com amor, coragem e descobertas.

E, especialmente, para minha filha, Alycia Emanuelly, que inspira cada uma dessas histórias com sua forma única de ver o mundo.

APRESENTAÇÃO

Lili é uma menininha de quatro anos, curiosa, doce e cheia de descobertas. Em cada pequeno acontecimento do seu dia, há algo novo a aprender — um sentimento que surge, uma dúvida que aparece, um desafio que precisa ser enfrentado.

Este livro nasce justamente desse universo tão especial: o da infância.

As histórias aqui apresentadas foram inspiradas na vivência real da filha da autora, uma criança de quatro anos, e em tudo aquilo que faz parte do seu cotidiano — suas primeiras experiências, seus medos, suas conquistas, suas perguntas e a forma única e sincera com que ela enxerga o mundo.

A infância é um tempo mágico. É quando tudo acontece pela primeira vez: a primeira despedida mais difícil, o primeiro medo que parece grande demais, a primeira vez que se aprende a dividir, a esperar, a compreender o outro. E, nesse processo, cada descoberta carrega um encanto próprio — porque tudo é novo, intenso e verdadeiro.

Acompanhar essa trajetória é também um convite a olhar o mundo com mais sensibilidade. É perceber que, por trás de situações simples do dia a dia, existem grandes aprendizados sendo construídos.

Em cada história, Lili vive uma experiência que a ajuda a entender melhor seus sentimentos e a crescer com mais segurança. São narrativas que falam de coragem, amizade, empatia, paciência e amor — valores que vão sendo construídos aos poucos, com cuidado e acolhimento.

Este livro foi feito com carinho para acolher crianças em seus próprios processos, ajudando-as a reconhecer suas emoções e a compreender que crescer é um caminho feito de pequenas descobertas.

E, para quem lê, fica também o convite:
olhar para a infância com mais atenção...
porque é nela que nascem os sentimentos mais verdadeiros — e os aprendizados que ficam para toda a vida.

SUMÁRIO

O Primeiro Adeus na Escola 10
A Coragem que Veio com um Abraço 14
Um Coração Gentil na Pracinha..... 20
Entre Abraços e Mudanças: o Amor da Vovó Lúcia. 26
Aprendendo a Dividir 32
Descobrindo a Coragem na Fazendinha..... 38
O Desafio de Esperar a Sua Vez 38

O PRIMEIRO ADEUS NA ESCOLA

Naquela manhã, algo parecia diferente antes mesmo de Lili abrir os olhos. O quarto estava igual, o ursinho Pingo estava ali, macio e silencioso, mas o coração dela... não. Batia mais rápido, como se soubesse de algo que ela ainda tentava evitar.

Ao se levantar, Lili abraçou o ursinho com força, como se ele pudesse impedir o tempo de passar. Quando a mãe mencionou a escola, um silêncio tomou conta dela. Não era birra. Era medo — daquele tipo que não se explica, só se sente.

— Eu não quero ir... — murmurou, quase sem voz.

No caminho, o mundo parecia distante. As ruas passavam, mas Lili não prestava atenção. Segurava firme a mão da mãe de um lado e o Pingo do outro, como se estivesse entre dois mundos: o conhecido... e o desconhecido que a esperava.

Ao chegar, o som das crianças tomou conta do ambiente. Risadas, passos apressados, vozes animadas. Para qualquer outro, aquilo parecia alegria. Para Lili... era um turbilhão.

Ela parou na entrada.

Algo dentro dela travou.

Os olhos começaram a encher de lágrimas antes mesmo que ela entendesse o porquê.

— Eu não quero ficar... — disse, agarrando-se à roupa da mãe — Eu quero ir com você...

A mãe se abaixou, falando com calma, mas as palavras não conseguiam alcançar aquele medo silencioso que crescia dentro de Lili.

Nos primeiros dias, a despedida era sempre a mesma. O choro vinha forte, insistente. Parecia que nunca ia passar. O Pingo se tornava seu único refúgio — apertado, molhado de lágrimas, companheiro fiel daquele momento difícil.

Mas então... algo começou a mudar.

Em um desses dias, enquanto o choro ainda ecoava, a professora se aproximou devagar. Não havia pressa em seus passos, nem impaciência em seu olhar. Apenas presença.

— Bom dia, Lili... — disse com suavidade, envolvendo-a em um abraço inesperado e quente.

Lili não respondeu. Mas ouviu.

E naquele pequeno espaço de silêncio, algo diferente aconteceu.

A professora continuou, agora com um leve sorriso:

— Quem é esse amiguinho tão importante?

Lili hesitou. Olhou para o Pingo, depois para a professora. O choro ainda estava ali, mas mais fraco.

— É... o Pingo...

— Será que ele quer brincar com a gente?

A pergunta ficou no ar por um instante. Lili pensou. De verdade.

Foi um gesto pequeno — quase imperceptível — mas ela fez um leve sinal de “sim”.

A professora trouxe massinha colorida, começou a brincar, a imaginar... e, sem perceber, Lili se aproximou. Primeiro com o olhar. Depois com o corpo.

Sentou.

Participou.

E, como se fosse um segredo que só o tempo revela... o choro começou a desaparecer.

Nos dias seguintes, ainda havia lágrimas. Ainda havia saudade. Mas agora havia também algo novo: curiosidade. Pequenas risadas. Momentos que passavam rápido demais.

Até que, em uma manhã silenciosa — daquelas em que o coração ainda bate forte, mas já não paralisa — Lili chegou à escola.

Parou na porta.

Respirou fundo.

Olhou ao redor.

E, pela primeira vez... não chorou.

Virou-se para a mãe, deu um beijo e disse, com uma coragem que ela mesma ainda estava descobrindo:

— Eu consigo ficar.

E conseguiu.

Entrou segurando o Pingo, sim... mas agora não era mais por medo.

Era por companhia.

Naquele dia, Lili descobriu que o “tchau” não era um fim assustador... Era apenas o começo de algo que ela ainda não conhecia — e que podia ser bonito.

A CORAGEM QUE VEIO COM UM ABRAÇO

Tudo começou com um detalhe.

Um papel nas mãos da mãe. Um olhar mais sério. Um tom de voz diferente.

Lili percebeu antes mesmo de entender.

Havia algo acontecendo.

Quando a mãe explicou sobre a vacina, o mundo pareceu desacelerar por um instante. A palavra ficou ecoando dentro dela, ganhando forma, tamanho... e medo.

— Dói, mamãe? — perguntou, com os olhos já cheios de dúvida.

A resposta veio suave, mas não foi suficiente para acalmar o que crescia dentro dela.

Naquele dia, em vez do Pingo, Lili levou a Skye — sua cachorrinha de pelúcia, com sua roupinha cor-de-rosa. Ela a segurava com força, como se, de algum jeito, aquilo pudesse ajudar.

No caminho, ficou em silêncio. Apertava a Skye contra o peito, buscando ali um pouco de coragem que ainda não sabia se tinha.

Ao chegar, o ambiente trouxe ainda mais incerteza. Crianças chorando, outras esperando, adultos tentando acalmar... e então, ela viu.

A seringa.

Pequena... mas, para Lili, enorme.

O coração disparou.

— Eu não quero... — disse, recuando — Eu não quero tomar vacina!

O medo agora tinha voz, lágrimas e movimento. Ela se agarrou à mãe, enquanto a Skye ficava presa entre seus braços.

A enfermeira percebeu.

Não apressou.

Não insistiu.

Apenas se aproximou com calma, como quem entende que alguns medos precisam ser atravessados devagar.

Então teve uma ideia.

— E se a gente cuidar da Skye primeiro?

A proposta surpreendeu Lili. Por um instante, o medo deu espaço à curiosidade.

A enfermeira pegou a Skye com cuidado. A pequena cachorrinha de pelúcia, com sua roupinha cor-de-rosa, parecia pronta para aquela missão.

— Vai ser rapidinho — disse, com suavidade.

E então, fez de conta que aplicava a vacina.

Depois, com delicadeza, colocou um curativo na Skye, pressionando levemente e finalizando com um pequeno esparadrapo, como se fosse de verdade.

— Pronto... ela foi muito corajosa.

Lili observava tudo.

Atenta.

Quase sem piscar.

Algo começou a mudar dentro dela.

Se a Skye tinha conseguido... talvez ela também conseguisse.

O choro diminuiu.

A respiração ficou mais calma.

Mas quando chegou sua vez... o medo voltou.

Mais silencioso, talvez... mas ainda forte.

— Eu não quero... — repetiu, agora com menos força, mas ainda com lágrimas.

A mãe segurou sua mão.

— Eu estou aqui.

A enfermeira falou com tranquilidade, explicando que seria rápido. Que ela podia abraçar a Skye. Que não estava sozinha.

Lili fechou os olhos.

Apertou a Skye com força.

O coração batia tão forte que parecia fazer barulho.

Por um segundo... dois... três...

E então... aconteceu.

Rápido.

Quase invisível.

— Pronto.

Lili abriu os olhos devagar, como se não acreditasse. O mundo ainda estava ali. Ela também.

E... tinha passado.

A surpresa tomou conta do lugar do medo.

Ela olhou para o braço... depois para a Skye, com seu pequeno curativo.

E algo mudou.

No caminho de volta, dentro do carro, o silêncio era diferente. Não era mais medo... era pensamento.

Lili olhava para o próprio braço, depois para a Skye, como se tentasse entender o que tinha acabado de viver.

Depois de um tempo, perguntou, ainda com dúvida na voz:

— Mamãe... eu fui corajosa?

A mãe olhou para ela com carinho.

— Foi sim.

Lili hesitou.

— Mas eu chorei...

Houve um pequeno silêncio.

Então veio a resposta, firme e acolhedora:

— Mesmo chorando, você ficou. Você enfrentou. Isso é ser corajosa.

Lili ficou quieta, olhando pela janela.

Pensando.

Sentindo.

E, aos poucos, algo foi se ajeitando dentro dela.

Naquele dia, ela começou a entender que a coragem não aparece quando o medo vai embora...
Ela nasce quando, mesmo com medo — e até com lágrimas — a gente decide ficar.

UM CORAÇÃO GENTIL NA PRACINHA

Era fim de tarde, e o céu começava a mudar de cor, como se o dia estivesse se despedindo devagar. A pracinha estava cheia: crianças correndo, bicicletas passando, vozes e risadas preenchendo o espaço.

Lili chegou animada com sua bicicletinha. Enquanto o papai e a mamãe foram até o trailer providenciar o lanche, ela seguiu para a quadra, aproveitando aquele momento só dela.

Foi ali que percebeu.

Entre tantas crianças em movimento, havia uma menina parada. Quietinha. Observando. Sem bicicleta. Sem brincar.

Lili diminuiu a velocidade. Olhou mais uma vez. E, sem pensar muito, se aproximou.

Perguntou o nome. A menina respondeu: Laura.

Houve um pequeno silêncio. Lili olhou para sua bicicleta... depois para Laura. E, naquele instante simples, tomou uma decisão.

Ofereceu a bicicleta.

Laura aceitou, e o sorriso que surgiu foi imediato, verdadeiro. Lili desceu e ficou observando por alguns instantes, vendo a menina brincar. E, ao ver aquilo, sentiu algo bom — uma alegria diferente, mais silenciosa.

Pouco depois, foi chamada para lanchar.

Antes de sair, olhou mais uma vez para Laura, que continuava brincando com a bicicleta, e seguiu até o trailer. Sentou-se com os pais, mas não se desligou completamente do que acontecia na quadra.

De tempos em tempos, olhava.

Acompanhava de longe.

Via Laura brincando.

E isso a deixava tranquila.

Até que, em um desses olhares...

Algo mudou.

Uma mulher se aproximou da menina.

Lili percebeu.

Era a mãe de Laura.

Ela observou quando a mulher segurou a mão da filha. Observou quando começaram a sair. E, então, notou que estavam vindo exatamente na direção da mesa onde ela estava.

O coração de Lili se apressou.

Ela se levantou rapidamente, com o rosto ainda iluminado pela expectativa. Quando as duas passaram perto — perto o suficiente para ouvir com clareza — Lili acenou e disse:

— Tchau, Laura!

Esperou.

Mas não houve resposta.

Elas continuaram andando.

Lili insistiu.

Dessa vez, falou mais alto, com mais força:

— Tchau, Laura!

Nada.

Nem um olhar.

Nem um gesto.

A mãe seguia em frente.

Laura também.

E Lili percebeu.

Elas tinham ouvido.

Mesmo assim, não responderam.

Ainda assim, tentou uma terceira vez, agora com a voz já atravessada por um aperto que crescia dentro dela:

— Tchau...

Mas, outra vez... nada.

As duas seguiram.

Indiferentes.

O momento pareceu se alongar por dentro de Lili. O sorriso foi desaparecendo devagar. A mão que acenava foi descendo, sem força.

E o que ficou... foi um silêncio difícil de entender.

Ela voltou para a mesa com os olhos cheios de lágrimas. Dessa vez, não conseguiu segurar.

Entre o choro, tentou explicar.

Disse que tinha falado. Que tinha chamado. Que tinha dado tchau três vezes. E que, mesmo assim, não responderam.

A dor era clara.

Não era apenas tristeza.

Era frustração.

Era não compreender por que algo que, para ela, tinha sido tão verdadeiro... não encontrou resposta.

Os pais a acolheram com cuidado, deixando que ela chorasse. Com calma, explicaram que, às vezes, as pessoas não percebem, ou estão distraídas, ou até escolhem não responder — e que isso pode acontecer.

Mas isso não diminuía o gesto dela.

Não diminuía o que ela fez.

Lili ouviu em silêncio.

Ainda triste.

Ainda sentindo.

Mas, aos poucos, foi respirando mais fundo. O choro foi diminuindo. Algo dentro dela começou a se reorganizar.

Mais tarde, voltou para a quadra. Subiu novamente na bicicleta e seguiu, mais quieta... mas também mais firme por dentro.

Antes de ir embora, conseguiu dizer, com sinceridade:

— Eu gostei de emprestar... mesmo assim.

E, naquele dia, Lili aprendeu algo importante:

Nem sempre o bem que a gente faz volta da forma que esperamos... mas isso não muda o valor do que foi feito.

ENTRE ABRAÇOS E MUDANÇAS: O AMOR DA VOVÓ LÚCIA

Lili sempre conheceu a vovó Lúcia de um jeito muito especial. Era impossível pensar nela sem lembrar do sorriso fácil, das conversas cheias de carinho e dos abraços demorados que pareciam resolver qualquer coisa.

Estar com a vovó era, para Lili, um lugar seguro.

Mas, aos poucos, algo começou a mudar.

No início, eram detalhes pequenos. A vovó passou a usar uma touquinha com mais frequência. Em alguns dias, parecia um pouco mais cansada. Em outros, falava menos do que o costume.

Lili observava tudo.

Em silêncio.

Sem perguntar.

Guardando cada mudança dentro de si.

Até que, em um dia aparentemente comum, algo chamou mais sua atenção. A vovó estava sem a touca.

E foi nesse momento que Lili percebeu.

O cabelo não estava mais lá.

Ela ficou parada por alguns segundos, olhando, tentando entender. Não havia susto imediato — apenas uma sensação estranha, um desconforto que ela ainda não sabia nomear.

Algo estava diferente.

E diferente, para uma criança, pode parecer grande demais.

Mais tarde, já em casa, a dúvida ganhou forma. Lili se aproximou da mãe, ainda com aquele pensamento insistente.

— Mamãe... por que a vovó está sem cabelo?

A mãe respondeu com calma, escolhendo as palavras com cuidado. Explicou que a vovó estava em tratamento, que estava se cuidando para ficar bem, e que o remédio, apesar de ajudar, fazia o cabelo cair.

Lili ouviu tudo com atenção.

Sem interromper.

Tentando juntar as peças dentro da sua compreensão.

— Vai crescer de novo? — perguntou depois de um tempo.

A resposta veio tranquila: sim, iria crescer.

Mesmo assim, Lili ficou pensativa.

No dia seguinte, quando foi visitar a vovó, algo dentro dela ainda estava em dúvida. Caminhou mais devagar do que de costume, como se estivesse se preparando para aquele encontro.

A vovó abriu os braços, como sempre.

E, por um instante, Lili hesitou.

Mas foi só por um instante.

Logo correu e abraçou.

Forte.

E foi naquele abraço que algo se revelou com clareza.

O carinho era o mesmo.

O aconchego era o mesmo.

O amor... não tinha mudado.

Aos poucos, Lili começou a perceber que, apesar das mudanças por fora, aquilo que realmente importava continuava ali, inteiro.

Com o passar dos dias, ela passou a observar outras coisas. Percebeu que a vovó, mesmo quando estava mais cansada, continuava sorrindo. Continuava sendo gentil. Continuava presente.

Havia força ali.

Uma força silenciosa.

Em casa, Lili começou a incluir a vovó em suas orações. Era um gesto simples, mas cheio de intenção. Todas as noites, falava baixinho, pedindo que ela ficasse bem.

Era a forma que encontrou de cuidar também.

O medo, que antes era confuso, foi dando lugar a algo diferente.

Compreensão.

Carinho.

E um amor ainda maior.

Até que, um dia, Lili decidiu desenhar. Pegou papel, lápis, e fez a vovó do jeito que ela estava — sem cabelo, mas com um sorriso grande.

Quando entregou o desenho, não havia dúvida no gesto.

Havia aceitação.

Havia verdade.

— Vovó... você é linda assim também.

A vovó se emocionou. Abraçou Lili com força, daquele jeito que só ela sabia.

E, naquele momento, Lili entendeu algo que talvez não conseguisse explicar completamente:

As mudanças podem assustar no começo...
mas o que é verdadeiro permanece.

E o amor...
esse não muda.

APRENDENDO A DIVIDIR

Naquele dia, a sala parecia diferente.

Havia uma expectativa no ar, como se algo novo estivesse prestes a acontecer. No centro do tapete, a professora colocou uma caixa grande, chamando a atenção de todos.

As crianças se aproximaram rapidamente, curiosas, animadas.

Lili também.

Foi uma das primeiras a olhar dentro da caixa — e, entre tantos brinquedos, algo chamou seu olhar de imediato.

Uma boneca.

Bonita, delicada, com roupas coloridas e cabelos macios.

Sem pensar muito, Lili pegou a boneca e a abraçou, como se já soubesse que queria ficar com ela.

Por um instante, tudo parecia resolvido.

Mas não estava.

Outras crianças começaram a se aproximar.

Uma delas pediu para brincar também.

Lili virou o corpo, protegendo o brinquedo, deixando claro que não queria dividir.

Outra criança tentou.

E depois outra.

Os pedidos foram se repetindo, e, a cada tentativa, Lili se fechava mais. Segurava a boneca com mais força, como se alguém fosse tirá-la dela a qualquer momento.

A sala começou a mudar.

O entusiasmo inicial deu lugar a pequenos conflitos. Algumas crianças ficaram frustradas. Outras começaram a reclamar.

A professora se aproximou com calma, observando a situação.

Explicou que era um momento de brincar juntos, de compartilhar.

Mas, para Lili, aquilo ainda parecia difícil.

Ela ouviu... mas não mudou.

Preferiu se afastar.

Sentou em um canto, sozinha, com a boneca nos braços.

No começo, parecia suficiente.

Ela tinha o que queria.

Mas, aos poucos, algo começou a incomodar.

O silêncio ao redor dela contrastava com o que acontecia no restante da sala. As outras crianças, mesmo com poucos brinquedos, começaram a se organizar. Uma emprestava, outra recebia. Pequenos grupos se formavam.

E, junto com isso, vieram as risadas.

As conversas.

A brincadeira compartilhada.

Lili observava.

Em silêncio.

Seu olhar ia da boneca para os colegas... e voltava.

Algo não encaixava.

Foi então que percebeu uma cena diferente.

Uma coleguinha estava sentada sozinha.

Sem brinquedo.

Apenas olhando.

Aquilo chamou sua atenção.

E, naquele instante, algo começou a acontecer dentro dela.

Um incômodo leve.

Uma dúvida.

Uma escolha.

Lili olhou novamente para a boneca.

Pensou.

Segurou um pouco mais forte... e depois, aos poucos, afrouxou.

Levantou.

Caminhou devagar até a colega.

Parou por um segundo, como se ainda estivesse decidindo.

E então, com certa timidez, perguntou:

— Você quer brincar comigo?

A resposta veio rápida.

E sincera.

As duas começaram a brincar juntas. No início, de forma mais cuidadosa, como se ainda estivessem aprendendo aquele novo jeito de brincar.

Mas, aos poucos, a brincadeira cresceu.

Ganhou vida.

Outras crianças se aproximaram.

Novos brinquedos foram entrando.

E, quando Lili percebeu, já não estava mais sozinha — e nem queria estar.

A sala se encheu de risadas.

De vozes.

De troca.
De verdade.

Mais tarde, a professora se aproximou, observando o que tinha acontecido.

Perguntou se Lili tinha percebido a diferença.

E, dessa vez, ela tinha.

Percebeu que brincar junto era diferente.

Mais leve.

Mais divertido.

Mais completo.

Em casa, ao contar o que viveu, ainda reconheceu que, no começo, não queria dividir. Que parecia difícil.

Mas também percebeu o que veio depois.

E isso fez sentido para ela.

Naquela noite, já mais tranquila, entendeu algo importante:

segurar tudo só para si pode até parecer bom no início...
mas é quando a gente compartilha que a alegria realmente cresce.

DESCOBRINDO A CORAGEM NA FAZENDINHA

Aquele dia começou diferente.

Havia uma expectativa no ar antes mesmo de saírem de casa. A ideia de visitar a fazendinha trouxe curiosidade e animação, especialmente para Lili, que imaginava os animais, os sons, os espaços abertos.

Quando chegaram, tudo parecia maior do que ela imaginava.

As galinhas ciscavam pelo chão, os coelhinhos pulavam de um lado para o outro, os porquinhos faziam seus barulhinhos curiosos. Mais adiante, vacas pastavam com tranquilidade, patinhos nadavam em um lago calmo... e um cavalo alto se destacava entre todos.

Lili observava tudo com encanto.

Mas, ao seu lado, a reação era diferente.

Luna segurava firme na mão da mãe. Seu corpo demonstrava tensão, e seu olhar era cauteloso, como se cada movimento ao redor representasse um risco.

Quando Lili perguntou o motivo, a resposta veio simples, mas cheia de verdade: ela estava com medo.

E estava mesmo.

Enquanto caminhavam, isso ficou ainda mais evidente. Lili avançava com curiosidade; Luna, com cuidado. Cada passo dela era medido, atento.

Até que, de repente, uma galinha passou correndo bem perto.

O susto foi imediato.

Luna reagiu com um grito e se afastou rapidamente, o coração acelerado, tentando se proteger de algo que, para ela, parecia imprevisível.

Lili observou a cena. Para ela, aquilo não era ameaça — era apenas uma galinha passando. Mas, ao olhar para Luna, percebeu que o medo dela era real.

E precisava ser respeitado.

Mais adiante, chegaram perto do cavalo. A proposta de montar surgiu, e Lili aceitou. Subiu com ajuda, ainda sentindo um leve frio na barriga no início, mas, aos poucos, foi se soltando.

O movimento, antes estranho, tornou-se divertido.

De longe, Luna observava.

Havia curiosidade em seu olhar... mas o medo ainda falava mais alto.

Depois, seguiram para o parque aquático. Na água, tudo mudou. As duas brincaram, riram, se molharam. O ambiente trouxe leveza, e, por um tempo, o medo pareceu desaparecer.

Mas não completamente.

Ao voltarem para a área dos animais, ele voltou também.

Foi então que algo diferente aconteceu.

Lili encontrou uma tartaruguinha. Pequena. Silenciosa. Sem movimentos bruscos.

Ela se abaixou devagar, observou, estendeu a mão... e tocou.

Nada aconteceu.

A tartaruga permaneceu calma.

E isso mudou tudo.

Lili percebeu que ali havia uma oportunidade — não de forçar, mas de mostrar.

Chamou Luna com cuidado, convidando apenas para olhar mais de perto.

Luna hesitou.

Parou.

Pensou.

O corpo ainda resistia, mas havia algo novo misturado ao medo:

curiosidade.

Com incentivo tranquilo, e sem pressão, começou a se aproximar. Um passo de cada vez. Respirando fundo. Sentindo o próprio coração acelerado.

Disse que estava com medo.

E estava.

Mas, dessa vez, não recuou.

Ao ouvir que aquele sentimento era compreensível — e que poderia passar — algo dentro dela ganhou um pouco mais de segurança.

Olhou para a tartaruga.

Depois para Lili.

E, com muito cuidado, estendeu a mão.

O toque foi leve.

Rápido.

E, ainda assim... suficiente.

Nada aconteceu.

Nenhum susto.

Nenhum perigo.

Só silêncio.

Só calma.

E, naquele instante, algo mudou dentro dela.

O medo não desapareceu completamente... mas já não era o mesmo.

Deu lugar a uma pequena coragem.

No caminho de volta, Luna reconheceu o que havia sentido. Não

acreditava que conseguiria, mas conseguiu — do seu jeito, no seu tempo.

Lili, por sua vez, também compreendeu algo importante naquele dia:

nem toda coragem nasce dentro da gente sozinha...
às vezes, ela cresce quando alguém, com paciência e carinho, caminha ao nosso lado.

E que cada pessoa tem o seu tempo.

E esse tempo... merece ser respeitado.

O DESAFIO DE ESPERAR A SUA VEZ

Lili gostava de muitas coisas.

Gostava de brincar, correr, pintar... e, principalmente, gostava quando tudo acontecia na hora que ela queria. Esperar, para ela, ainda era algo difícil de entender.

E não era só com ela.

Na sala, outras crianças também demonstravam a mesma impaciência. Queriam falar ao mesmo tempo, pegar os brinquedos primeiro, resolver tudo no “agora”.

Era como se o tempo precisasse obedecer a todos ao mesmo tempo.

Até que, em um dia comum, algo simples trouxe um novo desafio.

A professora colocou uma caixa de massinhas coloridas sobre a mesa. O interesse foi imediato. As crianças se aproximaram, cada uma já escolhendo mentalmente sua cor preferida.

Mas havia uma condição.

Seria preciso esperar.

A professora explicou com calma que todos teriam sua vez, e que, para isso, fariam uma fila.

Lili entrou na fila.

No início, parecia tranquila. Observava, aguardava. Mas, aos poucos, a espera começou a incomodar.

As crianças à frente já estavam brincando. Amassavam, criavam formas, riam.

E Lili ainda estava ali.

Parada.

Esperando.

O corpo começou a se mover inquieto. Ela trocava o peso de um pé para o outro, olhava para frente, depois para trás. O tempo parecia mais lento do que o normal.

A vontade de ir logo aumentava.

Tentou dar um pequeno passo à frente.

Depois mais um.

Como se, discretamente, pudesse encurtar aquele tempo.

A professora percebeu.

Aproximou-se com calma e lembrou que ainda não era a vez dela.

Lili reagiu com insatisfação. Cruzou os braços, desviou o olhar, sentindo aquele desconforto crescer.

— Eu quero agora... — disse, com a voz já carregada de frustração.

A professora se abaixou ao lado dela, falando com tranquilidade. Explicou que era difícil esperar, mas que a vez dela estava chegando.

Lili ouviu.

Mas, naquele momento, sentir era mais forte do que entender.

O coração ficou apertado. Havia uma mistura de ansiedade, impaciência... e quase vontade de desistir.

Por um instante, pensou em sair da fila.

Em deixar para lá.

Mas não saiu.

Ficou.

Respirou fundo.

E esperou.

O tempo continuava lento... mas não parava.

Pouco a pouco, a fila foi andando.

Uma criança terminava.

Outra começava.

E, sem que ela percebesse exatamente quando, o momento chegou.

— Agora é a sua vez.

A mudança foi imediata.

Os olhos de Lili se iluminaram. O corpo se movimentou rápido, agora com leveza. Ela escolheu a massinha e começou a brincar.

Criou formas, apertou, modelou.

E, enquanto brincava, algo fez sentido.

Se tivesse passado na frente, alguém teria ficado triste.

Se tivesse desistido, não estaria ali.

A espera, mesmo difícil, tinha valido a pena.

Mais tarde, a professora destacou a importância daquele momento. Esperar não era apenas uma regra — era uma forma de respeitar o tempo do outro.

Lili entendeu.

Não completamente.

Mas o suficiente para dar um passo a mais.

Em casa, ao contar o que viveu, reconheceu que tinha sido difícil. Que a vontade de ir na frente tinha sido grande.

Mas também percebeu que conseguiu.

E isso fez diferença.

Naquela noite, com mais calma, compreendeu algo importante:

esperar pode demorar...
mas, quando a vez chega, o momento se torna ainda mais especial.

Sobre a autora

Ariane Cavalcante Lima, natural de Teresina, Piauí, é licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM). Servidora pública, mãe e apaixonada pelo universo da infância, dedica-se à promoção da leitura, da educação e da inclusão.

Atenta às descobertas do dia a dia, acredita que são nos pequenos momentos que nascem os grandes aprendizados. Sua experiência como mãe inspirou muitas das histórias presentes nesta obra, construídas a partir de vivências reais, emoções genuínas e situações que fazem parte do universo infantil.

Apaixonada pela literatura infantil, Ariane acredita no poder das histórias para despertar a imaginação, desenvolver a empatia e fortalecer os vínculos afetivos. Em sua escrita, busca acolher sentimentos, valorizar as experiências da infância e contribuir para a formação de leitores sensíveis, curiosos e conscientes.

Pequenas Descobertas de Lili nasce do encontro entre maternidade, observação sensível e amor pela educação, convidando crianças e adultos a compartilharem momentos de aprendizado, afeto e crescimento.

Lili é uma menina curiosa, sensível e cheia de perguntas. Em cada dia, uma nova descoberta: o primeiro adeus na escola, a coragem para enfrentar um medo, a importância de dividir, a alegria de ajudar alguém e o aprendizado de esperar a sua vez.

Inspirado em vivências reais da infância, **Pequenas Descobertas de Lili** apresenta histórias delicadas e acolhedoras que ajudam as crianças a compreender seus sentimentos, desenvolver a empatia e enxergar o mundo com mais sensibilidade.

Com linguagem afetuosa e situações presentes no cotidiano infantil, este livro convida pequenos leitores e suas famílias a refletirem sobre valores como amor, amizade, respeito, coragem e generosidade.

Porque crescer é uma aventura feita de pequenas descobertas que ficam para toda a vida.

SCS
Superintendência de Comunicação Social

UFPI 55 Anos

edufpi

Editora Associada à ABEU
abeu.org.br

ISBN 978-655904496-2
9 786559 044962